

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO

SILVANA DA SILVA RIBEIRO

Avaliação da aprendizagem: as práticas avaliativas

Rio de Janeiro
2008

SILVANA DA SILVA RIBEIRO

Avaliação da aprendizagem: as práticas avaliativas

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Sandra Cristina F. Souza

Rio de Janeiro
2008

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido sabedoria, perseverança e inteligência, por ter me guiado para as decisões corretas nos momentos das incertezas, por ter me estendido as mãos quando caí e também por ter removido as barreiras que encontrei ao longo do caminho. Com certeza ele é o grande responsável por cada letra que aqui foi escrita.

Agradeço a minha querida mãe pela compreensão e pela força de todas as horas

Agradeço a minha família pelo apoio.

Agradeço também aos meus amigos da Graduação, pois foram muito importantes nas horas das dúvidas coletivas e contínuas.

Resumo:

O presente trabalho trata de Avaliação da Aprendizagem, um tema que deve ser discutido nos dias atuais pelos profissionais de educação e por toda a comunidade escolar. O objetivo central desta pesquisa é trazer à reflexão as práticas avaliativas utilizadas atualmente nas escolas de ensino fundamental. No primeiro capítulo foi feita uma reflexão sobre a prática avaliativa. Serão apresentados alguns conceitos e definições sobre avaliação. Serão identificadas algumas modalidades da avaliação e suas funções e ainda neste capítulo será falado dos instrumentos de avaliação e da importância da mesma na prática pedagógica. O segundo capítulo refere-se aos novos métodos alternativos da avaliação da aprendizagem, aqui também será discutida a avaliação contínua e cumulativa exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). No terceiro e último capítulo será apresentado o resultado de uma pesquisa de campo que se observou as práticas avaliativas usadas nos dias atuais. Serão identificados os métodos alternativos empregados por educadores na sua ação docente e será feita uma análise sobre auto-avaliação. Também será feito um relato das ações observadas pela pesquisadora sobre a auto-avaliação praticada em sala de aula. Verificou-se que a prática avaliativa é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem. Espera-se que este presente trabalho de pesquisa venha a servir de referencial para discussões e reflexões futuras sobre o tema apontado.

Palavras-chaves: Avaliação. Avaliação da Aprendizagem. Auto-Avaliação. Métodos alternativos de Avaliação. Práticas Avaliativas.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O tema abordado neste trabalho de monografia apresenta uma riqueza muito grande dentro do mundo educacional.

Tal pesquisa será do tipo explicativa e basicamente bibliográfica utilizando-se do método qualitativo, ou seja, serão realizados estudos e análise a fim de trazerem respostas às questões que motivaram esta presente pesquisa. Também será baseada em uma entrevista realizada com profissionais da educação.

Para conhecer melhor o trabalho de alguns professores (as) e alcançar um levantamento mais amplo do assunto, foi realizado um estágio com duração de uma semana em uma escola em Duque de Caxias. Onde foi aplicado um questionário com dez perguntas (foram entrevistados oito professores (as) das séries iniciais do ensino fundamental). Tal questionário teve como objetivo buscar as opiniões sobre avaliação e observação em salas de aula sobre a avaliação educacional.

As perguntas realizadas foram objetivas e simples. Além disso, seus conteúdos foram utilizados apenas na discussão e reflexão sobre a avaliação da aprendizagem.

INTRODUÇÃO:

No ano de 1997, certo professor chegou com uma nova proposta de avaliação aos seus alunos da 8ª série de uma escola particular em Duque de Caxias. A princípio, tal proposta inovadora assustou pais e alunos. A proposição era que estes se auto-avaliassem, ou seja, fizessem uma avaliação de sua aprendizagem do decorrer no dias letivos. Depois de muitas discussões, os pais entenderam que aquele projeto seria um grande desafio tanto para os alunos quanto para os próprios professores.

Na proposta do professor, o objetivo principal era propiciar momentos de reflexão sobre o processo de aprendizagem, desenvolvendo crítico e privilegiando as idéias e participação dos educando na avaliação da aprendizagem. Assim, pergunta-se: qual a importância da auto-avaliação na formação do cidadão? Isso faria com que a sociedade fosse mais justa? Estaria formando um cidadão crítico, um cidadão que manifestasse suas idéias e que respondesse pelos seus atos perante a sociedade?

A experiência vivida há algum tempo fez com que uma ex-aluna daquele professor, hoje atual estudante de pedagogia, desenvolvesse uma pesquisa acadêmica sobre o tema avaliação da aprendizagem, com a proposta de mostrar como a auto-avaliação pode promover a participação do aluno no seu processo de desenvolvimento da aprendizagem, contribuindo, assim, para o seu próprio desempenho, já que na auto-avaliação o aluno é o sujeito principal e isso lhe dá motivação e autonomia no processo ensino-aprendizagem. E, no geral, definir qual a importância da avaliação na prática pedagógica.

Entendendo que o mundo vem passando por grandes modificações, o campo educacional não pode ficar estagnado, principalmente no que diz respeito à avaliação da aprendizagem. Muitos educadores vêm discutindo o tema e algumas propostas têm sido apresentadas ao longo dos anos, porém ainda há uma resistência muito grande por parte da sociedade e até mesmo por parte dos profissionais da educação à novas propostas de avaliação. Aqui surge a seguinte dúvida: como as escolas vêm trabalhando o processo avaliativo e quais os métodos alternativos de avaliação utilizados pelos docentes? Tem os professores tentado desenvolver práticas avaliativas mais democráticas e inclusivas?

Essa pesquisa se justifica ao verificarmos a necessidade de repensar como a avaliação tem sido exercitada em nosso cotidiano escolar e como essa prática pode

contribuir para o desenvolvimento do aluno no processo de ensino aprendizagem e na formação de sujeitos críticos e participativos na sociedade.

Presume-se que alguns profissionais já estão buscando métodos alternativos de avaliação, mas os métodos tradicionais, tais como: provas e testes ainda são utilizados como instrumentos avaliativos. Esses métodos tradicionais estão ligados ao quantitativo e são usados para verificar por meio de situações previamente arranjadas se o desempenho do aluno está ocorrendo na medida desejada. Esses métodos de avaliação medem a capacidade humana comparando as pessoas entre si, usam normas estatísticas para obter informações cognitivas, reforçam a classificação, a seleção, a competitividade e a exclusão, criando assim problemas sociais.

Os objetivos desta pesquisa são refletir sobre as práticas avaliativas utilizadas atualmente nas escolas de ensino fundamental nas séries iniciais nos setores públicos e privados, identificar os métodos alternativos de avaliação desenvolvidos por alguns professores das séries iniciais do ensino fundamental; analisar a prática da auto-avaliação no processo ensino aprendizagem e na formação de sujeitos participativos na sociedade.

O trabalho começa pela discussão de alguns pressupostos teóricos, ou seja, foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo por base alguns autores que vêm estudando o assunto, tais como, Luckesi (1995), Hoffmann (1991), Esteban (2000), Santanna (2004) e outros.

Logo em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo voltada diretamente aos professores (as) das séries iniciais, através de questionários relacionados às práticas avaliativas, os novos métodos de avaliação e auto-avaliação. Outra técnica de coleta de dados utilizada foi a observação educacional. A pesquisadora observou ações relacionadas com a avaliação da aprendizagem e fez o registro dessas observações a fim de que pudessem contribuir no desenvolvimento de sua pesquisa.

No primeiro capítulo serão apresentados os conceitos e as definições sobre avaliação, as modalidades de avaliação e suas funções, os instrumentos de avaliação e a importância da mesma na prática pedagógica. Entendendo que a avaliação faz parte do processo de ensino aprendizagem, vale ressaltar a importância de se conhecer mais sobre a avaliação e de se refletir como ela tem sido empregada no campo educacional.

Já o segundo capítulo, será direcionado a identificar os métodos alternativos utilizados atualmente pelos professores (as). Este capítulo discutirá ainda a Lei 9.394-96 (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), em seu art. 24, V, onde se fala da

avaliação contínua e cumulativa. A avaliação é fundamental no desenvolvimento do aluno, isso é indiscutível e somente uma avaliação comprometida é capaz de favorecer esse desenvolvimento de maneira responsável.

No último capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa de campo e as observações feitas a partir da prática docente da pesquisadora (conhecer como vem sendo trabalhando o processo avaliativo no cotidiano escolar e quais os métodos alternativos de avaliação utilizados pelos professores). Aqui se discutirá principalmente a questão da avaliação na construção do senso crítico da autonomia e da liberdade do aluno.

Com esta pesquisa, pretende-se contribuir para a reflexão das práticas avaliativas e entender como essas práticas podem favorecer o processo ensino aprendizagem e como ocorre a formação de sujeitos participativos na sociedade. (Como fazer isso?)

1) REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS:

1.1 - Conceitos e definições sobre avaliação

A avaliação da aprendizagem é um tema bastante discutido pelos educadores nos últimos tempos, pois é de responsabilidade do professor verificar a aprendizagem dos alunos, auxiliando-os nas dificuldades, fazendo com que eles ultrapassem suas próprias limitações.

A preocupação em utilizar essa prática de forma satisfatória para ambas as partes - professor e aluno - tem gerado muitos debates e muitas dúvidas. A avaliação é essencial ao processo ensino aprendizagem e ao desenvolvimento do educando, conforme nos diz Sant Anna (2004, p.17):

A avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é a alma do processo educacional.

Em meio a tantas discussões uma coisa é certa: a avaliação é uma etapa muito importante do processo ensino aprendizagem, já que está totalmente ligada à educação. A avaliação deve ser empregada de maneira consciente e deve levar tanto o professor como o aluno à reflexão. É esse o momento de buscar o real valor da avaliação da aprendizagem dentro desse processo.

Algumas definições e conceitos sobre o termo avaliar podem ser destacados. Celso Antunes (2002) recorre a alguns autores para conceituar avaliação enfatizando juízo de valor. Vejamos uma citação feita por Antunes:

O processo de avaliação da aprendizagem consiste essencialmente em determinar se os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelos programas do currículo e do ensino. No entanto, como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos - em outras palavras, como objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento do estudante - a avaliação é o processo mediante o qual determina-se o grau em que essas mudanças do comportamento estão realmente ocorrendo. (TYLER apud ANTUNES, 2002, p. 9).

Antunes ainda cita alguns autores para afirmar que a avaliação da aprendizagem compreende coletar informações sobre o desempenho do aluno, organizar e interpretar

essas informações emitindo julgamento de valor, tendo o aluno como foco central. A equipe pedagógica deve buscar as formas de coleta mais adequada aos seus alunos, compreendendo essas informações e utilizando-as da maneira mais proveitosa possível, sem se esquecer de interagir continuamente com o aluno que é o sujeito principal da avaliação.

A avaliação do rendimento escolar não se refere aos números e, sim, aos indivíduos. O aluno é um ser que cresce, que amadurece suas idéias e que aprende de modo singular. Sendo assim, avaliar é valorizar o aluno diante das novas situações surgidas do dia-a-dia de uma sala de aula e conduzi-lo a perceber o seu real valor, compartilhando assim outros caminhos que podem ser percorridos durante o processo de aprendizagem. Avaliar é ainda compreender cada momento do processo ensino-aprendizagem criando situações onde o aluno é estimulado a construir e a desenvolver o seu próprio conhecimento. A avaliação da aprendizagem não deve estar centrada em provas, testes e exames, pois sabemos que a aprendizagem do aluno vai além desses instrumentos e que o conhecimento é construído e não apenas transmitido.

A avaliação no contexto escolar ainda é vista como sinônimo de medição, todavia nem todos os aspectos da educação podem ser mensuráveis. Avaliar é bem mais do que medir, já que medida diz respeito à quantidade. A avaliação exercida nas escolas através de instrumento como: provas, testes, trabalho e seminários, na maioria das vezes, visa o lado quantitativo, desprezando o qualitativo. Esse modelo de avaliação se preocupa em cobrar conceitos e definições, e, a famosa “decoreba” - o aluno que consegue memorar fórmulas, datas, acontecimentos, é tido como um sucesso e deverá tirar uma nota “alta”.

O questionamento que se levanta é relacionado à aprendizagem: “que tipo de aprendizagem tem se buscado?” Quando a aprendizagem é vista apenas como conteúdos que devem ser passados aos alunos, se perde a essência do desenvolvimento do aluno. Os que se ensina e o que se aprende precisa ter significação tanto para o aluno como para o professor e essa aprendizagem significativa deverá ser utilizada na vida em sociedade, pois o aluno deixa de ser um repetidor e passa a ser um cidadão crítico, capaz de mudar o mundo em que vive. A avaliação baseada apenas em números não promove a integração do educando no convívio social, esse tipo de avaliação serve apenas para verificação de resultados através da análise quantitativa.

A avaliação que predomina no meio educativo estimula notas, conceitos, promoções, resultados quantitativos. Há uma preocupação entre comunidade escolar e

família de ser obter bons resultados em provas e testes, como se esses hábitos fossem o suficiente para “aprovação” ou “reprovação” do aluno, não somente na escola, mas em toda a sociedade. Alguns conceitos propagados induzem o aluno a essa busca por notas e promoções, como por exemplo: um aluno com boas notas terá uma vida profissional promissora; se o aluno tira boas notas, as chances de ele entrar em uma faculdade serão maiores; é a famosa corrida para ser bem sucedido.

A preocupação maior desde o primeiro ano de educação básica é sempre com a nota, pois dela depende a promoção do aluno para série seguinte. Há uma exigência para que os educandos se esforcem para tirar as melhores notas. Em algumas escolas, os alunos que conseguem alcançar esse patamar são destacados com honras. A avaliação deve privilegiar a qualidade de pensamento, o subjetivo, e não a quantidade de conteúdo aplicada no bimestre, semestre ou no ano.

Considerando o termo avaliar como dar valor, realmente é necessário repensar de que maneira essa ação tem sido exercitada em nosso cotidiano escolar. O aluno não é um número, e sim um ser humano e precisa ser avaliado como tal, levando em conta o que ele pensa, o que lê faz e o que quer.

A avaliação deve ser compartilhada com o aluno. Para Sant Anna o aluno deve ser visto como sujeito de seu próprio desenvolvimento:

Também ao aluno devem ser oferecidas oportunidades de avaliar, não somente a si, mas o trabalho do professor e as atividades desenvolvidas. Mas para acreditarmos na presença do aluno no processo de avaliação precisamos também acreditar que sua ação será tanto mais produtiva quanto maior significação os objetivos tiverem para ele, levando-o a buscar meios de alcançá-los. Os alunos se sentirão estimulados para novas aprendizagens ao verificarem o alcance gradativo de seus objetivos. (2004, p.24).

A avaliação deve ser diária através da observação durante o recreio, os jogos, as brincadeiras, as atividades em grupo, o horário de entrada e o horário de saída, o professor pode avaliar o desenvolvimento da turma e de cada aluno individualmente, e isso se dá não pelo quantitativo, mas pelo qualitativo, onde a aprendizagem é permanente, e não mecanizada. As conversas e os debates devem ser promovidos a fim de que o professor possa ter oportunidade de observar o desenvolvimento de seus alunos. A avaliação qualitativa proporciona estímulos aos alunos diante das atividades propostas, tornando-se assim um desafio a ser conquistado, contribuindo com a construção do conhecimento e com a melhoria da qualidade da educação.

A avaliação é um processo em que o professor deve promover o desenvolvimento do aluno e não privilegiar a atribuição de notas e conceitos. Através de uma avaliação comprometida, o professor pode interferir na transformação de um sujeito crítico, mais autônomo e mais participativo na sociedade.

1.2 – Algumas modalidades de avaliação da aprendizagem da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa e suas funções.

A avaliação da aprendizagem contribui para o desenvolvimento do aluno interagindo a todo o momento com o processo de ensino aprendizagem, por isso dizemos que ela é contínua, deve ser realizada durante todo o processo e em vários momentos não podendo ficar restrita a uma ocasião.

A avaliação além de ser contínua, também deve ser sistemática, ou seja, o avaliador deve planejar, deve haver uma preparação para essa atividade, não pode ser algo feito no improviso sem pensar no aluno na construção desse conhecimento. O educador deve acompanhar o aluno na construção desse conhecimento e para isso é necessário planejamento.

A avaliação contínua e sistemática deve considerar as seguintes funções: diagnosticar, informar e tomar decisões. De acordo com Haydt (2002), essas três funções estão relacionadas a três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação diagnóstica acontece no início do processo de ensino aprendizagem. É a primeira abordagem feita pelo professor e normalmente é realizada no começo de um curso ou de um programa a fim de diagnosticar as habilidades que o aluno já possui e verificar a ausência ou presença de pré-requisitos necessários para novas experiências de aprendizagem.

A avaliação diagnóstica proporciona informações sobre as capacidades do aluno, serve como base para o professor resolver dificuldades na aprendizagem e mostra quais caminhos devem ser percorridos durante esse processo. Alguns instrumentos avaliativos auxiliam na obtenção de informações ao educador: teste diagnóstico, entrevistas questionário, seminários, ficha de observação e auto-avaliação. Essas informações são necessárias ao professor para que ele identifique as dificuldades na aprendizagem e tome decisões em relação a cada aluno.

A avaliação diagnóstica, conforme Sant Anna (2004) deve ser segura e através dessa avaliação algumas providências para estabelecer novos objetivos devem ser tomadas. Os objetivos que não foram alcançados também devem ser retomados, diferentes estratégias de reforço devem ser elaboradas, devem promover situações em que os estudantes aprendam as habilidades e os conteúdos que se pretenda ensinar-lhes. Verifica-se o que o aluno já aprendeu e como aprendeu. A avaliação diagnóstica possibilita verificar como os conhecimentos anteriores foram adquiridos e como o professor pode planejar a aquisição de novos conhecimentos.

A avaliação diagnóstica também pode acontecer durante o processo ensino aprendizagem através das correções dos erros, de questionamentos levantados em sala de aula de esclarecimento sobre determinado assunto. Serve ainda para estimular o aluno no seu desenvolvimento da aprendizagem. Para isso é necessário que a comunicação professor-aluno seja dialógica.

A avaliação formativa tem com função informar se os objetivos traçados pelo professor estão sendo alcançados durante o desenvolvimento as atividades no processo ensino aprendizagem. Através dessa modalidade avaliativa o educador detecta se o aluno pode avançar em determinado conteúdo ou se deve rever novamente esse conteúdo a fim de que adquira tal conhecimento.

No decurso da avaliação formativa o aluno pode perceber suas carências cognitivas e ser estimulado a realizar um estudo sistemático dos conteúdos, possibilitando-o crescer na aprendizagem. Quando o estudante reconhece os seus erros e seus acertos, ele pode participar do processo avaliativo mostrando ao professor os caminhos que devem ser percorridos no decorrer do curso, semestre ou ano letivo.

A avaliação formativa mostrará também ao professor o momento de mudar o rumo, ou seja, de submeter à nova formulação no que diz respeito ao alcance de seus objetivos, permitindo ao educador rever seu trabalho didático e aperfeiçoá-lo de maneira a contribuir nas dificuldades dos alunos. Nesse momento, é que se deve verificar a relação entre professor e aluno, pois através desse relacionamento o professor pode favorecer a aprendizagem do aluno, fazendo as modificações necessárias de modo que ocorra um diferencial significativo no processo ensino aprendizagem.

Para Sant Anna (2004) a avaliação formativa deve observar alguns aspectos:

- Os objetivos e conteúdos devem ser selecionados com a participação dos alunos;
- Critérios de tempo, qualidade e/ou quantidade devem ser estabelecidos;

- As áreas com mais dificuldades devem ser identificadas através de um esquema teórico;
- Os erros devem ser corrigidos de maneira que ocorra um *feedback*, devem ser feitas as modificações no programa e a elaboração de diferentes estratégias de reforço, assegurando uma ótima seqüência de ensino aprendizagem;
- Algumas alternativas para ajudar os alunos a se recuperarem de suas deficiências no processo ensino aprendizagem devem ser selecionadas.

A avaliação formativa ocorre durante o ensino e fornece dados para aperfeiçoar o processo ensino aprendizagem. Cabe ao professor utilizar essa modalidade avaliativa de forma que favoreça a aprendizagem do aluno de maneira que a motivação deste não seja a de “tirar uma nota alta”, mas, sim, a de construir seu próprio conhecimento com auxílio do professor.

A avaliação somativa tem a função de tomar decisões, normalmente acontece no fim de um bimestre, de um semestre ou de um ano letivo, a preocupação maior é como resultado final: “aprovação” ou “reprovação”. O objetivo dessa avaliação é verificar se os resultados são satisfatórios ao longo e ao final de um curso, ou seja, “de acordo com os padrões pré-estabelecidos, o rendimento foi, pois nessa avaliação, notas e conceitos são atribuídos aos estudantes e de acordo com os resultado de aproveitamento, o aluno é promovido de série/ciclo/período/ano.

A educação brasileira utiliza a avaliação somativa como o propósito de classificar o aluno de acordo com o seu nível de aproveitamento, seu rendimento escolar determina o progresso do aluno de acordo com resultados quantitativos e alguns indicadores são utilizados como apoio, por exemplo, as médias e os conceitos mínimos. Para o aluno conseguir se “promovido” para a série/ano/período seguinte deve alcançar as médias e conceitos exigidos pela escola. O aluno é reduzido a um número, e dependendo da escola se atribui um valor como mínimo. Por exemplo, “aluno média 7,0 consegue passar, aluno com média inferior a 7,0 é retido”. A avaliação somativa não valoriza o que o aluno conseguiu construir durante o curso, e sim, o que deixou de construir. O resultado final é a preocupação desse tipo de avaliação é o produto alcançado e a promoção de uma série para outra.

A reprovação da série pressupõe que o aluno deva repetir, no ano seguinte, todo o processo pelo o qual já passou e não obteve êxito. Como isso ela não implica num

olhar mais atento e individualizado do professor para este aluno que possibilite novas formas no ensinar. Assim, a responsabilidade no processo ensino-aprendizagem recai unilateralmente sobre o aluno não sendo questionada a prática desenvolvida com ele. Ou seja, ou o aluno se adapta a lógica da escola para ter a aprovação ou ele é reprovado. Essa avaliação preocupada com a classificação se apresenta como um antidiálogo a favor do fracasso escolar.

De acordo com Sant Anna (2004) a classificação do aluno tem como parâmetro os objetivos previstos servindo como base os objetivos individuais e conforme a autora, a base não deve se somente os objetivos individuais, o rendimento do grupo também deve ser verificado. Por exemplo, se um número de alunos não conseguiu alcançar o resultado desejado em uma determinada área, o professor deveria questionar seu trabalho docente, utilizar novos procedimentos didáticos e retomar esse conteúdo de maneira que as dúvidas fossem sanadas e que seus alunos obtivessem êxito na aprendizagem. O professor deve procurar novos caminhos na tentativa de obter resultados satisfatórios no que diz respeito à aprendizagem de seus alunos, lembrando sempre de respeitar o ritmo, as características e as diferenças de cada aluno.

Nessa modalidade de avaliação os instrumentos mais utilizados são: exames, testes, provas possibilitando que o aluno seja classificado segundo o seu rendimento. Algumas questões são levantadas sobre a avaliação somativa e seus instrumentos avaliativos, já que na maioria das vezes se limita à “decoreba” e reprodução de dados e fatos.

Esse tipo de modalidade é mecanizado e deixa algumas interrogações: “Houve realmente a construção do conhecimento?”, “As dificuldades de aprendizagem foram solucionadas?”, “Os alunos que não conseguiram alcançar a média não construíram nenhum tipo de conhecimento?”, “O tempo de duração do curso foi suficiente?”, “Houve preocupação com a qualidade de ensino?”. A equipe pedagógica deve analisar essas e outras questões, fazendo com que a avaliação não se resuma a dados quantitativos e sim que permita promover o desenvolvimento do aluno no processo ensino aprendizagem.

Através da avaliação o aluno pode ser estimulado a avançar em sua aprendizagem, cabe ao professor usar a avaliação de maneira incentivadora e não apenas como um instrumento de obrigação.

A avaliação deve ser reconhecida como um processo e precisa ser empregada em intervalos regulares, o que garantirá o efeito desejado na aprendizagem.

1.3 – Instrumentos de avaliação

Já foi dito que a avaliação está vinculada ao processo ensino aprendizagem e que contribui para o desenvolvimento do aluno. Para que essa contribuição seja afetiva é necessário utilizar diversas técnicas e instrumentos de avaliação. Atualmente, há vários instrumentos de avaliação, o professor precisa apenas selecionar o que for mais adequado para a realização de avaliação da aprendizagem.

Os instrumentos avaliativos mais comuns nas escolas estão ligados na maioria das vezes à classificação, à seleção e à exclusão. São instrumentos conforme diz Luckesi (2006, p. 18): “de qualidade duvidosa: corrigimos provas e contamos os pontos para concluir se o aluno será aprovado ou reprovado”. Luckesi ainda coloca que a avaliação é diagnóstica e inclusiva, ao contrário da prática avaliativa empregada em muitas escolas.

Um dos instrumentos que evidencia uma avaliação seletiva e excludente é a prova ou exame. O aproveitamento escolar sempre foi verificado por professores e o meio mais comum antigamente era a técnica da prova oral. Só que avaliar uma turma através de prova oral requeria um grande tempo. Passou a ser mais fácil, então, utilizar-se a prova escrita, que de acordo com Haydt (2002) era um tipo de instrumento de avaliação em que todos os alunos eram examinados ao mesmo tempo. Era conhecida como prova de lápis e papel.

De acordo com Barriga (2000, p.55), o exame não pode ser considerado um elemento inerente à prática educativa e o autor confirma isso através de fatos históricos:

Primeiro porque o exame foi instrumento criado pela burocracia chinesa para eleger membros das castas inferiores. Segundo porque existem inúmeras evidências de que antes da Idade Média não existia um sistema de exames ligado à prática educativa. Terceiro porque a atribuição de notas ao trabalho escolar é uma herança do século XIX à pedagogia. Herança que produziu uma infinidade de problemas. Dos quais, hoje padecemos.

Barriga (2000) também diz que de acordo com a “Didactica Magna” de Comenius, o “exame está indissolúvelmente ligado ao método” Para este autor, o papel do exame no início da didática era metodológico e não classificatório. O professor deveria rever seus métodos quando um aluno não conseguia aprender. O exame não estava ligado a notas, conceitos e nem promoções. A relação exame-nota-conceito-

promoção surgiu na sociedade capitalista, com a burguesia, deixando de ter como objetivo a melhora da aprendizagem para ter função classificatória, conforme nos diz Saleh Amaido (2003, p. 189):

(...) é preciso destacar que o espaço ocupado pelos exames no processo de ensino acarretou perda para a educação, pois a pedagogia deixa de centrar-se na aprendizagem, passando a realçar a promoção e os procedimentos aí envolvidos.

A partir da primeira metade do século XX, os exames passaram a ser chamados de testes ou provas objetivas, eram usados como instrumento de mediação do rendimento escolar. Os alunos eram informados com antecedência sobre a aplicação do teste a fim de que se preparassem e a função desse instrumento era verificar o nível de aprendizagem, ou seja, medir o domínio cognitivo (HAYDU, 2002).

Hoje em dia, esse modelo de instrumento de avaliação ainda é muito comum em nossas escolas, pois é simples de preparar, responder e corrigir, porém o aluno apenas memoriza o conteúdo exigido pelo professor e ainda pode ser respondido ao acaso, é o famoso “chute”, o aluno elimina as alternativas que consideram inviáveis e assinala a que sobrou. Testes e provas objetivas são classificatórias, excludentes e promovem a competitividade.

As provas dissertativas são instrumentos que contêm algumas perguntas que exigem a habilidade de analisar um problema, abstrair fatos, formular idéias e expressá-las através da escrita. Alguns professores não apreciam esse tipo de instrumento, pois sua elaboração e correção requerem tempo. Uma pergunta mal elaborada, por exemplo, pode causar um mau desempenho na verificação de resultados.

Uma vantagem das provas dissertativas é que o aluno não pode responder ao acaso, ele tem que organizar suas idéias e usar a linguagem escrita para expressá-las. Esse tipo de prova apresenta problemas relacionados à correção, já que o professor pode julgar e atribuir notas e conceitos ao aluno e não ao que foi produzido por ele através de suas respostas. Esse instrumento tem como finalidade julgar resultados finais.

O seminário, ainda pouco usado nas séries iniciais, é um instrumento que possibilita a transmissão verbal de um determinado assunto, contribui para a aprendizagem, exige pesquisas e desenvolve a oralidade. O professor deve ficar atento na hora de usar esse instrumento de avaliação, já que uns alunos podem sobressair mais do que outros. Os alunos tímidos devem ser estimulados a realizarem essa prática e o professor deve evitar fazer comparações entre alunos. Também se faz necessário

planejamento, tais como: data de apresentação, duração, bibliografia, delimitação do tema. O professor deve auxiliar seus alunos a planejarem esta atividade.

Trabalho em grupo é uma atividade que desenvolve a socialização dos alunos através de ações realizadas coletivamente. O professor deve fornecer fontes de pesquisa e orientar os grupos sobre os procedimentos necessários para a proposta de trabalho. O professor também deve ficar atento quanto à participação de todos os envolvidos promovendo a colaboração de todos os alunos. Esse instrumento avaliativo requer planejamento e não deve substituir os momentos individuais de aprendizagem.

Debate é um método de avaliação que tem como função ensinar o aluno a defender uma opinião com base em argumentos convincentes, os alunos podem explicar seus pontos de vista sobre determinado assunto em que há controvérsias. Através do debate o aluno pode desenvolver a oralidade e a escuta. O professor deve ser mediador, todos devem participar de maneira que se respeitem às opiniões.

Conselho de classe é um método que tem como objetivo compartilhar informações sobre a classe e sobre cada aluno com a equipe pedagógica. Nessas reuniões devem-se evitar as rotulações de alunos, devem conversar sobre o aproveitamento da turma. O professor também deve aproveitar essa reunião para reformular seus objetivos e fazer uma auto-análise sobre sua prática docente.

Pré-teste é o preparo antecipado que o professor faz a fim de verificar o conhecimento do aluno. É uma sondagem para fins diagnósticos. Testa o progresso do aluno e seu desenvolvimento. Muitas vezes valoriza-se o quantitativo, porém esse tipo de instrumento também serve para uma amostra qualitativa.

Na auto-avaliação o aluno torna-se sujeito do processo de ensino aprendizagem, desenvolve a responsabilidade social de maneira crítica. Quando vivenciada no início da vida escolar pode favorecer uma auto-análise durante toda a vida. O professor deve propiciar condições para que a auto-avaliação seja realizada de maneira comprometida com a aprendizagem. A relação professor-aluno deve ser de confiança, pois o aluno só irá se expor se sentir segurança no professor e este, por sua vez, deve acreditar na fala de seu aluno. Quanto à forma, a auto-avaliação pode ser por relatos escritos ou falados. Pode ser feita livremente ou ter como guia fichas sobre o desempenho. A auto-avaliação permite que o aluno compreenda e construa o seu processo de aprendizagem, ajudando a desenvolver a sua autonomia.

O relatório é um texto produzido pelo aluno ou pelo o professor no qual ele relata as experiências da realização de alguma atividade pedagógica. Através desse

relatório é possível avaliar se os objetivos foram atingidos, caso contrário, o professor deve rever os métodos e procurar novos caminhos que possibilitem a compreensão de determinado assunto.

A avaliação cooperativa é um método que oferece ao aluno a oportunidade de avaliar a si próprio e ao grupo, percebendo os avanços que foram feitos na aprendizagem. Essa atividade deve desenvolver a conscientização e a importância de viver em sociedade. Pode ser feita através de discussões ou de fichas escritas.

Entendendo que a avaliação é um processo cíclico, onde o professor e aluno devem interagir na aprendizagem a todo tempo, o professor deve procurar os instrumentos avaliativos que mais condizem com a realidade e com a vivência dos seus alunos de maneira que os progressos e os problemas de aprendizagem não se limitam a números, notas e conceitos. Ainda é necessário procurar novas estratégias que promovam a inclusão e melhoria da aprendizagem.

A escolha dos instrumentos avaliativos deve ser feita de maneira consciente e planejada, pois a avaliação é parte integrante do processo ensino aprendizagem, a avaliação deve ser pensada como uma atividade que permite verificar o desenvolvimento do aluno ao longo do processo educativo e não somente em dias específicos.

1.4 – A importância da avaliação na prática pedagógica

Reconhecendo que a avaliação é um meio e não um fim, verificamos a sua importância na prática pedagógica onde o objetivo é ver o aluno se desenvolvendo e vencendo a cada desafio proposto do dia-a-dia educacional. Através da avaliação é que o professor pode diversificar o seu planejamento visando à melhora da aprendizagem e não a classificação e a promoção.

Ao avaliar o aluno e perceber que o seu desenvolvimento não está ocorrendo de maneira positiva, é necessário rever as práticas pedagógicas. Nesse momento toda equipe pedagógica deve estar integrada: professores-orinetadores-diretores-supervisores-coodenadores. A equipe deve organizar encontro em que se discuta a melhoria da aprendizagem. Também é imprescindível que considere o aluno como indivíduo, e não a turma como um todo. As pessoas são diferentes, essas diferenças devem ser respeitadas no processo de aprendizagem.

Os resultados avaliativos podem mostrar os caminhos que devem ser percorridos no processo ensino aprendizagem, devendo prevalecer nesse momento a avaliação qualitativa e não a quantitativa. Algumas vezes é preciso voltar, rever os métodos utilizados e aplicar novos métodos que auxiliem na construção do conhecimento do aluno. Os professores devem organizar suas aulas de maneira que todos os alunos tenham oportunidade de construir o conhecimento.

A equipe pedagógica deve acompanhar o processo avaliativo a fim de que haja uma reflexão sobre o desenvolvimento do aluno. A participação de toda equipe também é muito importante na elaboração e na escolha dos instrumentos avaliativos. A escolha dos instrumentos avaliativos deve ser feita de forma consciente, respeitando as diversidades e valorizando as potencialidades de cada educando.

O processo de avaliação não pode ser tratado com indiferença pelos alunos, as propostas de avaliação devem ser discutidas por toda comunidade escolar: professores, gestores, pais, e principalmente pelo sujeito principal desse processo que é o aluno. Este deve estar envolvido com processo avaliativo. Os procedimentos, os critérios, as atividades e o percurso a ser percorrido durante esse processo devem ser esclarecidos e discutidos de forma clara e objetiva com todos da comunidade escolar.

Ainda por meio da avaliação percebemos a necessidade de observar cada ação do aluno, já que o seu desenvolvimento se faz de modo particular. Essas observações precisam ser registradas pelo professor para que esse valorize a construção do conhecimento de cada indivíduo e desenvolva novos desafios e novas atividades que promovam o progresso do estudante, nesse momento o professor precisa ter um olhar diferenciado para as inteligências, competências e para as capacidades de cada aluno já possuem e podem ser desenvolvida durante o processo de aprendizagem.

Os instrumentos de avaliação são diversos e o educador deve aproveitar essa diversidade de modo que o olhar avaliativo não fique focado apenas em um ângulo, mas que possa alcançar vários dentro da construção do conhecimento, não se esquecendo que os alunos superam as nossas expectativas, como nos diz Antunes (2004): “Nossos alunos mais do que imaginamos que em verdade eles sabem”.

Quando o processo avaliativo for classificatório e seletivo é necessário que as diretrizes que norteiam o processo avaliativo dentro da instituição educacional sejam revistas pela equipe pedagógica a fim de gerar mudanças na avaliação praticada atualmente. Celso Antunes (2004) apresenta um projeto de progressiva mudança da avaliação escolar no intuito de auxiliar o docente em sua prática pedagógica.

Para Antunes a avaliação deve estar centrada nos objetivos educacionais, na apreciação da mudança no sentido de progresso, na utilização de diferentes processos, em resultados que enfatizem funções diagnosticas e não medidas expressas em números e letras que apresentem unidade de juízo de valor.

O autor, ainda apresenta algumas funções que devem estar presentes no processo avaliativo: identificar pontos fortes e pontos fracos nos programas curriculares; identificar métodos de ensino; material escolar e recursos empregados no processo educativo; identificar necessidades e capacidades dos alunos; informar aos alunos os diagnósticos colhidos; fornecer a todos da comunidade escolar conhecimentos da ação educativa desenvolvida; favorecer os alunos a oportunidade de se auto-avaliar.

A equipe pedagógica deve detectar as dificuldades existentes na avaliação educacional e apresentar alternativas para solucionar essas dificuldades.

2) A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E OS NOVOS MÉTODOS ALTERNATIVOS:

2.1 – Os professores em práticas alternativas de aprendizagem.

Muitos professores dos entrevistados têm feito a indagação sobre a importância da avaliação no processo ensino aprendizagem e quais os métodos que devem ser utilizados na avaliação da aprendizagem. Essa busca por novos caminhos na avaliação tem mostrado a responsabilidade e a vontade de desenvolver práticas avaliativas mais democráticas e inclusivas.

A avaliação da aprendizagem há algumas décadas atrás foi um instrumento ameaçador e autoritário e alguns educadores vêm tentando ao longo dos anos modificar essa prática tornando-a mais inclusiva. O notório é que atualmente a avaliação em muitas escolas ainda é classificatória e seletiva. A questão é: como tornar esse processo avaliativo mais inclusivo e mais democrático?

Para Luckesi (2006) o ato de promover exames não pode ser considerado uma prática de avaliação. Examinar através de provas, testes, notas e conceitos é um ato classificatório e seletivo. Examinar é bem diferente do ato de avaliar. A avaliação com Luckesi deve ser diagnóstica e inclusiva. O fato de corrigir provas, contar pontos e concluir se o aluno está aprovado ou reprovado é um ato autoritário e causa a exclusão. Esse modelo de avaliação está centrado no professor e não no aluno em si.

A avaliação como prática inclusiva deve ser contínua. A aprendizagem do aluno deve ser acompanhada pelo professor a todo o momento e quando for preciso o professor deve reorientar seus alunos nas atividades em que os desafios nos estiverem sendo superados. A avaliação deve ter como objetivo principal a melhoria da aprendizagem. Todos os alunos podem aprender e é sob esse ponto de vista que a avaliação é inclusiva.

A mudança na prática avaliativa requer mudança também na prática docente em sala de aula. O conteúdo ensinado tem que ter significação para o aluno. As atividades propostas pelo professor devem estar inseridas no contexto do aluno. A avaliação e

aprendizagem caminha lado a lado. No momento em que o professor cria situações de aprendizagem, também deve criar situações de avaliação.

Quando o assunto é mudança na avaliação, ainda há muita resistência por parte das escolas, famílias e até mesmo por parte de alguns educadores. Conforme Luckesi (2006), esse fato acontece por três razões: primeiramente, os educadores insistem em utilizar métodos tradicionais de avaliação, pois durante a sua vida escolar, eles foram submetidos aos exames inúmeras vezes e por razões psicológicas tendem a reproduzir essa conduta autoritária e dominadora. Em segundo lugar, se refere à história da educação. Os exames escolares praticados em várias escolas atualmente já eram praticados na educação jesuítica do século XVI, uma das heranças que a educação moderna recebeu da educação jesuítica foi o modelo de avaliação classificatória. E a terceira razão, refere-se à própria sociedade. A nossa sociedade é excludente e competitiva. Essa competição começa nas séries iniciais e é aguçada no período do vestibular, segue em frente durante o ensino superior e encontra o seu ápice na vida profissional. A busca por melhores salários, melhores cargos, melhores condições de vida fazem da sociedade capitalista uma sociedade competidora e os exames acabam por reproduzir essa sociedade.

Para que a prática avaliativa inclusiva ocorra, é necessário haver mudanças. Alguns paradigmas precisam ser quebrados. Praticar avaliação de maneira inclusiva requer mudanças dentro do ambiente escolar. O educador precisa abrir mão de algumas concepções tradicionais e pôr em prática as leituras e as discussões sobre uma educação mais justa, uma educação em que todos têm oportunidades de construir o conhecimento, uma educação que acredita no homem como ser participativo no seio da sociedade em que se vive.

De acordo com Mere Abramowicz (2001), a avaliação baseada em provas é uma prática positivista e tecnicista, onde se destaca o quantitativo promovendo assim a classificação e a exclusão. Nesses moldes, a avaliação pode se tornar uma ameaça, um instrumento de dominação onde o professor tem o poder de atribuir notas, reprovar ou aprovar um aluno.

Para esta última autora, as mudanças na avaliação devem ocorrer a partir de sua própria concepção. Enquanto os educadores reproduzem essas práticas excludentes, não haverá mudanças. A melhoria da qualidade da educação deve estar baseada numa concepção crítica, onde se busca a construção do conhecimento e onde a avaliação é qualitativa e não quantitativa.

Ainda conforme Abramowicz (2001) não existe fórmula pronta para realizar uma boa avaliação. O professor deve buscar diretrizes claras para traçar o caminho a ser percorrido dentro do processo avaliativo. O professor deve diversificar os instrumentos avaliativos de maneira que abranja todas as facetas do desempenho do estudante. No se esquecendo de que os recursos utilizados devem ser participativos, democráticos relevantes, significativos e rigorosamente construídos.

Mudar a maneira de avaliar não é uma tarefa fácil. Conscientizar o professor, gestores e família de que é necessário haver mudança é mais difícil ainda. Entretanto, esse espírito de mudança já tem se infiltrado em alguns educadores. O professor comprometido com a melhora da aprendizagem procura inovações no campo educacional e é através dessas inovações que podem ocorrer transformações.

No decurso da avaliação, o professor encontra fundamentos para mudanças na aprendizagem. Quando a avaliação é bem orientada e aplicada de forma diagnóstica, serve para mostrar as falhas no ensino, possibilitando que o educador reveja sua prática e mude seu procedimento didático. Como nos diz Hoffman (2003): "Considero a avaliação o acompanhamento do processo de construção de conhecimento". A avaliação deve auxiliar o aluno a caminhar no processo de aprendizagem.

Novos métodos de avaliação têm sido adotados por algumas escolas e por alguns educadores, porém a idéia de eliminar os exames ainda está muito distante da nossa realidade educacional. O discurso de uma avaliação qualitativa já tem sido defendido por muitos, mas o que se percebe é que na prática ainda prevalecem as provas, testes, conceitos, notas, boletim de aproveitamento escolar, coeficiente de rendimento.

Em meados de 2005, o jornal O Globo publicou uma reportagem sobre os novos critérios de avaliação de algumas professoras da rede pública e nessa reportagem algumas falas chamam atenção pelo fato de defenderem os métodos alternativos de avaliação. Alguns defendem a avaliação alternativa não baseada em testes. O que importa é acompanhar a criança de forma global e não só com uma nota.

Alguns pais já têm se conscientizado que a avaliação da aprendizagem é um conjunto e que é preciso observar vários aspectos da aprendizagem, como trabalhos em grupo, envolvimento em debates, participação em atividades propostas pelo professor. A avaliação mais ampla respeita o ritmo de aprendizagem de cada um, valorizando suas experiências e seu desenvolvimento.

Diante dessas novas propostas de avaliação alternativa, alguns professores têm tomado a frente para defenderem suas concepções. Para esses professores é importante

que a escola se posicione e contribua com essa mudança na avaliação e no próprio processo ensino aprendizagem. A escola deve oferecer subsídios para busca do conhecimento e do desenvolvimento da aprendizagem.

Um método alternativo que tem sido utilizado por vários profissionais da educação e que tem alcançado êxito é a observação com registro. A observação diária facilita no processo de aprendizagem. O professor ao olhar atentamente pode perceber as dificuldades do aluno em determinada atividade e auxiliá-lo na execução dessa atividade.

Esse tipo de avaliação também favorece a relação professor-aluno, já que o professor deve ser manter próximo ao aluno durante todo o tempo da aprendizagem. Nesse momento é importante ressaltar que a motivação do aluno vai depender do professor. Os desempenhos nas atividades devem ser valorizados e elogiados. O educador deve observar não só o lado cognitivo, mas também o afetivo e o cultural. Como nos diz Abramowicz: "A afetividade do aluno está clara no entusiasmo ao apresentar uma pesquisa e ao descobrir a solução de um problema."

Outro tipo de avaliação alternativa utilizada atualmente em algumas escolas é a participação em sala de aula ou o trabalho em grupo. Os boletins são acompanhados de uma explicação densa e mostram como a criança está se desenvolvendo. Para esse tipo de avaliação é necessária uma parceria com a família. Ambas as partes se comprometem em acompanhar o desenvolvimento do aluno.

Em algumas escolas o professor é orientado a realizar a propor em sala a auto-avaliação desde as séries iniciais, pois se entende que no processo de aprendizagem, o próprio aluno diz o que já sabe, mostra onde está sua dificuldade, o que ainda está aprendendo ou precisa melhorar, ou seja, faz sua auto-avaliação. Esta deve ser vista como algo natural e deve ser aplicada de maneira que leve a uma conscientização do que sabe e de como se sabe. A auto-avaliação ajuda o aluno a construir seu conhecimento e desenvolver sua autonomia.

A auto-avaliação permite que o aluno também acompanhe o seu próprio desenvolvimento. Ela é um meio que ajuda o professor direcionar todo o processo da aprendizagem, já que o aluno pode vir a apresentar algumas dificuldades.

A auto-avaliação é uma prática avaliativa que visa a melhoria da aprendizagem através da ação docente e promove a autonomia e a responsabilidade do aluno. Através da auto-avaliação, os alunos têm oportunidade de dizer o que aprenderam ou o que

ainda não aprenderam. Essa prática permite ao aluno compreender e questionar a sociedade que se vive.

O portfólio é uma estratégia de mudança na avaliação que tem sido vista com bons olhos pelos educadores que já utilizaram esse método de avaliação. Através do portfólio o estudante analisa, esclarece, avalia e explora seu próprio processo de aprendizagem. O professor deve auxiliar o aluno na escolha dos trabalhos mais significativos para o aluno, levando-o a refletir sobre cada etapa do processo ensino aprendizagem. Não existe uma receita para organização de um portfólio, o que se recomenda é que a seleção dos trabalhos demonstre o progresso do aluno durante o percurso do processo ensino aprendizagem.

Percebe-se que aos poucos a avaliação da aprendizagem está mudando, mas ainda há muito o que se fazer. Não existe fórmula de sucesso pronta. Os educadores devem rever seus conceitos sobre avaliação e inserir no seu contexto social a construção de métodos avaliativos que auxiliem no processo ensino aprendizagem.

2.2 – A avaliação contínua e cumulativa

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394/96), no seu artigo 24, inciso V, a verificação do rendimento escolar deve seguir alguns critérios e um desses é a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

A avaliação determinada na LDB é voltada para o avanço, para o progresso do aluno. Este não pode ser avaliado num momento isolado do resto do processo. A avaliação não pode ser decidida no bimestre ou semestre, mas deve ser o acompanhamento diário onde o professor encontra-se lado-alado com o aluno para auxiliá-lo a superar dos desafios.

A avaliação deve ser constante, pois dessa forma o professor pode perceber como está o desenvolvimento do seu aluno perante as dificuldades surgidas no processo ensino aprendizagem. Essas informações diárias possibilitam ao professor modificar sua prática docente, implantar novos métodos, utilizar novos recursos capazes de ajudar na aprendizagem do aluno.

A lei se refere a uma avaliação cumulativa, uma avaliação que não seja fragmentada, mas uma avaliação que reúna os diferentes saberes adquiridos durante o

processo ensino aprendizagem. Os saberes tem que estar articulados, favorecendo uma avaliação mais abrangente.

Outro aspecto levantado na LDB é a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Isso só vem reforçar o que alguns estudiosos já vêm afirmando sobre avaliação. Avaliar é diferente de examinar. Os exames são classificatórios, aprovam ou reprovam, são excludentes, são seletivos, são quantitativos. A avaliação qualitativa permite que o aluno avance, essa avaliação dinamiza oportunidades, vê o aluno como sujeito da aprendizagem, privilegia cada etapa do processo, é inclusiva. A avaliação não pode ser restrita à promoção ou retenção, avaliar é valorizar.

3) AUTO-AVALIAÇÃO: AUTONOMIA, LIBERDADE E REFLEXÃO

O presente capítulo retratará uma pesquisa de campo realizada em uma escola de Duque de Caxias. O objetivo deste estudo é conhecer como algumas escolas particulares da baixada vêm trabalhando o processo avaliativo no cotidiano escolar e quais os métodos alternativos de avaliação utilizados pelos professores.

Para conhecer melhor o trabalho de cada professor da escola de Caxias e alcançar um levantamento mais amplo do assunto, foi aplicado um questionário com algumas perguntas a oito professores (as) das séries iniciais do ensino fundamental.

As perguntas realizadas foram objetivas e simples e o seu conteúdo foi utilizado apenas na discussão e reflexão sobre a avaliação da aprendizagem, sendo assim, para resguardar os participantes, a identificação não foi feita.

3.1 - Refletindo sobre os resultados:

As respostas da primeira pergunta: “O que você entende por avaliação da aprendizagem?”

Quatro dos professores entrevistados entendem que avaliação é um processo contínuo, dinâmico e transformador, que não se limita a exames escritos, e para tal, consideram o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes.

Três dos professores entendem que avaliar é verificar se os objetivos foram alcançados, é verificar se foi realmente aprendido, é a forma de averiguar a capacidade de entendimento e compreensão de um aluno acerca do conteúdo estudado, é a verificação do desempenho do aluno na construção do conhecimento.

Um professor acha que é fazer um diagnóstico de como está o aprendizado do aluno, é fazer uma sondagem do que o aluno aprendeu e analisar a forma que o conteúdo esta sendo aplicado.

Na segundo pergunta: “Como e quando você avalia a aprendizagem de seus alunos?”

As respostas foram bem parecidas, todos responderam que avaliam seus alunos diariamente e fazem isso através de algumas estratégias como: observação durante as atividades, trabalhos em grupos, participações, exercícios, conversas, situações problematizadoras, atividades lúdicas, provas escritas, arguições, experimentação,

pesquisas e dramatizações. Neste item, verificou-se que todos fazem avaliação diária e utilizam métodos tradicionais e inovadores como estratégia para avaliação da aprendizagem.

Na terceira pergunta: “No que diz respeito à LDB, no artigo 24, inciso V, a escola em que você trabalha tem observado com rigor os critérios de verificação do rendimento escolar ou esse artigo é desconhecido pela comunidade escolar?” a maioria respondeu que conhecem o artigo e que procuram segui-lo.

A maioria das respostas da quarta pergunta: “Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados por você e por que você utiliza?”, afirma que instrumentos avaliativos mais usados são: testes, trabalhos e provas. Esses instrumentos, de acordo com os professores, são utilizados com mais frequência devido à exigência da escola e por serem instrumentos que podem ser utilizados em todas as disciplinas.

Na quinta pergunta do questionário: “O que você faz quando percebe que o aluno não aprendeu o conteúdo?” Os professores respondem que utilizam vários recursos: tiram dúvidas, pedem ajuda aos responsáveis, utilizam situações do cotidiano dos alunos fazem novos exercícios, promovem atividades de reforço, buscam metodologias diferenciadas, retornam para esse conteúdo utilizando meios diversificados para aplicar conteúdo, atendem os alunos individualmente, fazem atividades lúdicas.

Na sexta pergunta: “Se você já utilizou alguns métodos alternativos de avaliação?”, os professores que já utilizaram métodos alternativos de avaliação descrevem que foi muito significativo detectar dificuldades que nos métodos tradicionais não era possível perceber. Através desses métodos foi possível exercer a prática da interdisciplinaridade e os alunos puderam se desenvolver melhor sem se preocupar com notas e conceitos (esses métodos não visavam o quantitativo).

Respondendo a sétima pergunta: “Você já realizou a auto-avaliação com seus alunos? Qual a importância dessa prática avaliativa?” Apenas duas professoras afirmaram que sim. Essas sustentam que essa prática é uma forma de despertar o interesse do aluno para a sua aprendizagem e que a auto-avaliação aprimora o senso crítico do educando. Uma dessas professoras disse ainda, que essa prática requer muita dedicação e responsabilidade por parte do professor, pois leva o professor ao questionamento de suas práticas.

Os professores que ainda não realizaram a auto-avaliação com seus alunos, afirmam que ainda não a fizeram, pois são docentes das séries iniciais do ensino

fundamental e seus alunos são muito imaturos para o desenvolvimento de tal prática avaliativa. Entretanto, esses professores concordam que essa prática é muito importante na aprendizagem do aluno, pois ela dá oportunidade ao aluno de perceber que lê é o sujeito no processo ensino-aprendizagem.

Na oitava pergunta: “Ações alternativas de avaliação estão se difundindo entre alguns profissionais da educação, qual a sua opinião sobre tais ações?” As respostas foram unânimes, todos concordaram que os métodos alternativos da avaliação que levam à aprendizagem do aluno devem ser difundidos.

Dois professores responderam a décima pergunta: “As práticas avaliativas mais comuns nas escolas são as avaliações tradicionais (provas e testes), qual é a sua opinião sobre a predominância de tais práticas no currículo escolar? Afirmaram que as avaliações tradicionais são apenas números e que na verdade não “provam” nada. São apenas exigências do sistema.

Outra professora disse que essa prática ainda é predominante no currículo escolar devido à competitividade, já que nos concursos públicos e nos vestibulares só oferecem esse método.

As demais professoras vêem as provas como instrumentos necessários no processo, mas que deveriam ter um peso menor.

De acordo com a décima pergunta: “No seu planejamento diário é comum você reservar um tempo para avaliação? Caso a resposta seja afirmativa, descreva como é feita essa avaliação”, três professoras afirmaram que não é comum descreverem em seus planejamentos o momento da avaliação, mas a fazem no decorrer da aula através da participação e dos exercícios.

Os demais professores disseram que a avaliação é uma prática constante em seu cotidiano escolar, que sempre observam os alunos nas atividades propostas e verificam as dificuldades na aprendizagem.

Após a realização dessa pesquisa de campo, percebeu-se que há uma preocupação dos professores com a aprendizagem dos alunos, porém é notório que o processo avaliativo no cotidiano escolar continua sendo realizado nos moldes classificatório, com notas, médias, conceitos e promoções.

A prática avaliativa predominante no meio escolar ainda é aplicação de provas exames. Enquanto os educadores aceitarem essa prática como “necessária”, ela irá se sobressair e não haverá lugar para práticas inclusivas e democráticas. Avaliar numa perspectiva inclusiva não é medir, não é dar notas e sim valorizar o aluno como sujeito

da sua própria aprendizagem. Essa prática deve ser constante, em todos os momentos o professor deve ter um olhar avaliativo, a fim de promover avanços no processo ensino aprendizagem.

Avaliação e aprendizagem estão ligadas intrinsecamente, quando um aluno é avaliado e o professor percebe que esse aluno encontra dificuldades na aprendizagem, o professor deve tomar providencias para que seu aluno ultrapasse os obstáculos do caminho.

A avaliação pode contribuir para a aprendizagem. É por meio dela que o professor nota o momento de rever suas ações e sua prática docente a fim de que haja uma superação na aprendizagem de seus alunos.

No decurso dessa pesquisa observou-se que as ações alternativas como um forte aliado no processo ensino aprendizagem e já são bem flexíveis na utilização desses métodos, mas ainda consideram a avaliação quantitativa “necessária” para atender aos modelos da sociedade competitiva.

Realmente, a utilização de ações alternativas na avaliação com uma prática de avaliação mais significativa, mais democrática, mais inclusiva e mais prazerosa tanto para o professor que avalia quanto para o aluno que é avaliado. Os métodos alternativos podem proporcionar uma outra visão sobre aprendizagem do aluno e dos educadores que devem buscar as melhores alternativas para desenvolver um bom trabalho docente.

A auto-avaliação é vista pelos professore como uma prática avaliativa que desenvolve o senso crítico do aluno e que ajuda na formação do cidadão. Ainda não é uma prática comum as séries iniciais do ensino fundamental, os professores alegam que os alunos não têm maturidade o suficiente para realizá-las. Entretanto, quatro professoras já realizaram a auto-avaliação com alunos de séries iniciais do ensino fundamental e fazem de foram satisfatória. Vê-se que é possível realizar essa prática avaliativa com esses alunos, desde que o professor esteja comprometido em levar o aluno a refletir sobre o seu próprio desempenho na aprendizagem.

Ainda há muito que discutir e refletir sobre a avaliação da aprendizagem. A mudança no processo avaliativo é necessária, mas essa mudança tem de ser consciente. O educador precisa se conscientizar que toda e qualquer transformação no processo educacional deve acontecer a partir de sua prática docente. Mudar é difícil, principalmente porque as exigências burocráticas ainda têm muito peso. Contudo, as mudanças na avaliação visam a melhoria na aprendizagem.

3.2 – A observação e a prática da auto-avaliação

Neste capítulo será feito um relatório a partir da observação realizada em uma escola em Duque de Caxias. Entendendo que a auto-avaliação contribui na formação do sujeito crítico e na integração desse sujeito no processo de construção da cidadania, alguns dos (as) professores (as) entrevistados (as) perceberam que a auto-avaliação seria um instrumento indispensável à prática docente e passaram a realizá-la constantemente em suas aulas.

Compreende-se que não existe uma receita, ou uma cartilha que deve ser seguida para a realização da auto-avaliação, porém, a professora verificou que teria que ter alguns procedimentos, já que seus alunos tinham uma média de nove anos de idade e nunca tinham ouvido falar em auto-avaliação.

A professora lançou a proposta de forma clara e orientou seus alunos a falarem sobre o cotidiano escolar identificando suas dificuldades e seus progressos e refletindo sobre seu desenvolvimento.

No começo, algumas crianças tímidas não quiseram compartilhar de seu desenvolvimento com o grupo, mas aos poucos foram se soltando. Não foi fácil, nem rápido, conforme esses alunos adquiriam confiança tanto na turma, quanto na professora é que a participação se tornava mais intensa... “Eu não quero falar porque alguns colegas vão rir de mim, porque eu não entendi direito aquele dever”, disse L. F.- 7 anos.

Na maioria das vezes a auto-avaliação era feita oralmente, no entanto teve uma que foi escrita, em forma de questionário. Essa auto-avaliação escrita foi a pedido da orientadora pedagógica nas suas turmas da 4ª série do ensino fundamental da escola.

A professora fez o seguinte relato sobre a experiência vivida com seus alunos no momento da auto-avaliação em forma de questionário: “Quando falei na sala de aula sobre auto-avaliação e apresentei o questionário à turma, os alunos ficaram muito entusiasmados em realizar essa atividade. A euforia foi geral e muitos se concentraram como jamais teriam se concentrado antes em outras atividades. Percebi que muitos alunos foram bastante sinceros na sua auto-avaliação. Logo após, iniciei uma conversa levando aos alunos refletirem sobre a sua prática estudantil. Essa atividade deveria ser integrada no processo avaliativo, pois leva o aluno a refletir sobre si mesmo e até a mudar alguns hábitos e atitudes prejudiciais ao seu desenvolvimento que só são percebidos por eles mesmos após a execução da auto-avaliação”.

A auto-avaliação seria um *feedback*, ou seja, seria um retorno que a professora tinha a respeito do desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Certa vez, ao realizar a auto-avaliação com a turma, uma aluna se mostrou muito feliz, segundo a professora, pois tinha conseguido assimilar um conteúdo que ela considerava muito difícil. “Eu achava que nunca ia conseguir aprender essas contas com vírgulas, mas hoje eu aprendi, consegui fazer todas elas sem errar”. (L. C – 10 anos)

Em alguns momentos o rumo teve que ser mudado, foi necessário voltar para que pudesse prosseguir. Quando algumas estratégias não davam certo, a professora buscava novos meios de atingir a aprendizagem dos alunos. Um exemplo disso foi quando um aluno durante uma auto-avaliação falou das dificuldades que estava tendo com uma determinada disciplina e seus conteúdos. Ele disse que não iria aprender determinada conta e se perguntava por que inventaram a matemática. Foi necessário fazer alguns ajustes durante o processo ensino-aprendizagem, a professora fez um trabalho em grupo sobre “A importância da matemática nos nossos dias” e “Como surgiram os números e a necessidade de contar”. A professora percebeu que a matemática não era apreciada pelas crianças e decidiu incentivá-las através de atividades lúdicas e situações-problemas do dia-a-dia. O resultado foi muito gratificante, as crianças viram necessidades do ensino da matemática e sua importância na prática cotidiana.

Antes de iniciar um conteúdo sobre números decimais, essa professora fez uma auto-avaliação sobre frações e percebeu que não podia avançar com o conteúdo, pois algumas crianças ainda não tinham assimilado bem o conteúdo de frações. A auto-avaliação não deve ser somente nos finais de período ou finais de bimestres, ela deve ser uma prática constante, pois servirá como diagnóstico para que professor saiba onde o aluno avançou ou onde deixou de avançar e assim retome o conteúdo aplicado ou avance em outro.

A prática da auto-avaliação realizada com os alunos fazia com que a professora se auto-avaliasse todos os dias: “O que meus alunos me ensinaram hoje?”, “O que eu ensinei aos meus alunos?”, “Quais valores tenho passado aos meus alunos?”, “O conteúdo aplicado teve significação para as crianças?”. E outros questionamentos eram feitos no dia-a-dia. Inclusive a professora foi questionada por um aluno a respeito da auto-avaliação.

Aos poucos, os alunos foram se integrando nessa prática e já começavam a se questionar e a desenvolver um senso crítico e de responsabilidade. Percebeu-se que

auto-avaliação não privilegiava a quantidade do conteúdo, mas a qualidade do pensamento essas crianças foram descobrindo a necessidade de contribuir com um mundo mais justo. Em uma das falas das crianças percebemos esse sentido de responsabilidade social: “Se o presidente do Brasil se auto-avaliasse o país poderia ser bem melhor.” (T. 9anos).

Eram criadas situações em que o aluno pudesse dar sua opinião, ouvir a opinião do colega e discutir sobre determinadas temas do contexto social. Como isso os alunos perceberam que a opinião deles era importante e que ouvir a opinião dos colegas também era importante e que a idéia do colega poderia contribuir numa tomada de decisões. Após uma atividade desenvolvida em grupo foi realizada uma auto-avaliação e a fala de dois alunos chamaram a atenção: “O trabalho me ajudou a perceber que o R. não é tão implicante e que dá para fazer trabalhos com ele (C. 8 anos). “inclusive o R. deu boas idéias.” (A. 10 anos). A auto-avaliação promovia a socialização entre os colegas.

“Professora, você me acha um bom aluno?” (G. 10 anos), a professora o respondeu com outra pergunta: “Você está sendo um bom aluno?” esse aluno reconheceu que não estava se dedicando aos estudos e mostrou-se esforçado para se empenhar mais nos estudos. Nesse percurso foi desenvolvida uma atitude crítica-reflexiva que favoreceu no desempenho do aluno e isso foi perceptível aos seus próprios olhos. O objetivo de criar momentos de reflexão sobre a aprendizagem e criar um sentido crítico foi alcançado.

A auto-avaliação para essa professora e para seus alunos foi o primeiro passo para um processo de transformação. Esta trouxe vários benefícios: melhora na aprendizagem, atitudes responsáveis, autonomia, liberdade, conscientização, oportunidade e outros.

A auto-avaliação é um processo cíclico e contínuo e que deve fazer parte do cotidiano escolar. Na auto-avaliação a construção e a consolidação do conhecimento se farão sem atropelos, respeitando o tempo e o ritmo de cada um.

Foi acreditando que o aluno é um ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento que essa professora desenvolveu a prática de auto-avaliação. O aluno teve oportunidade de avaliar a si mesmo e sua presença no processo avaliativo tornou essa ação mais significativa, os alunos foram estimulados a superar desafios e a verificarem o alcance gradual de seus progressos.

A auto-avaliação foi um instrumento muito importante no desenvolvimento educacional desses alunos, pois através dela eles puderam refletir sobre o seu desempenho educacional.

Considerações finais:

Ao final dessa pesquisa, conclui-se que as práticas avaliativas realizadas na escola em que se concluiu a pesquisa de campo, estão relacionadas à atribuição de notas, são práticas classificatórias que se preocupam com o quantitativo. Provas, testes, notas, médias, ainda são idéias que estão arraigadas no sistema avaliativo. Entendendo que a avaliação é indispensável no processo ensino aprendizagem e que não deve ser associada à mensuração de resultados, é imprescindível que o educador faça uma reflexão aprofundada sobre avaliação do ensino aprendizagem no cotidiano escolar.

Os conceitos desenvolvidos por alguns professores acerca da avaliação são bem conhecidos: “A avaliação é um processo, é a verificação da aprendizagem, deve ser contínua, diária, dinâmica, processual, diagnóstica e formativa.” A questão que se coloca não é sobre a assimilação da teoria apresentada em livros educacionais e sim sobre como essas teorias têm sido vivenciadas na prática do educador. O discurso e a prática não podem ser divergentes, eles têm que estar em harmonia.

Essa reflexão na prática docente pode gerar mudanças no processo avaliativo e mudar é necessário. Não é fácil falar de transformação na prática avaliativa, até porque ainda há muita resistência sobre pais/responsáveis e dos próprios professores, porém mudar, nesse caso, pode significar avançar e avançar no processo ensino aprendizagem, avançar na formação do cidadão, avançar na relação professor-aluno, avançar na relação escola-família.

Verificou-se através dessa pesquisa que os métodos alternativos de avaliação já têm sido utilizados por vários profissionais da educação. Esses professores têm buscado estratégias que facilitem a aprendizagem do aluno. Dessa foram, eles rompem as barreiras e incentivam outros professores a mudar a prática.

As ações alternativas de avaliação identificadas nessa pesquisa foram: trabalho em grupo, debates, observações com registro, participação em sala de aula, auto-avaliação, seminários, relatório, jogos, brincadeiras, pesquisas resumos e grupos de estudo. Acreditando que ainda há novas ações alternativas de avaliação a serem descobertos, pôde-se perceber que os métodos alternativos empregados por alguns professores, já têm beneficiado o ensino aprendizagem.

A prática de auto-avaliação no processo ensino aprendizagem e não formação de sujeitos participativos na sociedade foi analisada nessa pesquisa e verificou-se que ainda não é uma prática comum nas séries iniciais do ensino fundamental.

Sobre auto-avaliação verificou-se que há poucas referências bibliográficas a respeito do assunto. Faz-se necessário que o tema seja mais discutido entre os profissionais da educação e que haja mais material bibliográfico sobre o assunto.

Através da pesquisa de campo e da observação com registro, notou-se que a auto-avaliação é uma prática muito importante no processo ensino aprendizagem e na formação de sujeitos participativos na sociedade. Por meio da auto-avaliação é possível perceber os interesses e as dificuldades dos alunos dinamizando o processo educativo.

A auto-avaliação tem caráter formativo, pois ela possibilita o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade do aluno. Este quando incentivado a realizar a auto-avaliação percebe que ele é o sujeito do seu próprio desenvolvimento.

A prática da auto-avaliação é um grande progresso na formação do sujeito participativo, consciente, crítico, responsável e autônomo.

Pesquisa de campo – questionário aplicado em uma escola em Duque de Caxias:

- 1) O que você entende por avaliação da aprendizagem escolar?
- 2) Como e quando você avalia a aprendizagem de seus alunos?
- 3) No que diz respeito à LDB, em seu artigo 24, inciso V, a escola que você trabalha tem observado com rigor os critérios de verificação do rendimento escolar ou esse artigo da LDB é desconhecido pela comunidade escolar?
- 4) Quais instrumentos de avaliação mais utilizados por você e por que você os utiliza?
- 5) O que você faz quando percebe que o aluno não aprendeu o conteúdo?
- 6) Se você já utilizou alguns métodos alternativos de avaliação?
- 7) Você já realizou a auto-avaliação com seus alunos? Qual a importância dessa prática avaliativa?
- 8) As ações alternativas de avaliação estão se difundindo entre alguns profissionais da educação, qual é a sua opinião sobre tais ações?
- 9) As práticas avaliativas mais comuns nas escolas são as avaliações tradicionais (provas e testes), qual é a sua opinião sobre a predominância de tais práticas no currículo escolar?
- 10) No seu planejamento diário você reserva um tempo para avaliação? Caso a resposta seja afirmativa, descreva como é feita essa avaliação.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMOWICA, Mere. Um reflexo fiel da escola. In: Revista nova Escola. São Paulo, n. 146, p. 32-25. nov/2001.
- ALEMEIDA, Marco Antônio Chaves de. Projeto de Pesquisa: Guia prático para a monografia. Rio de Janeiro: Wak, 2002.
- ANTUNES, Celso. A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARRIGA, Angel Dias. El Examen: textos para su historia y debates. México: Centro de Estudios sobre la Universidad, 1993.
- _____. Uma polêmica em relação ao exame. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 51-82.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei 9.394/06. 20/dez/96. Brasília, 1996.
- ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.). Avaliação: Uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FRANCO, Esmeraldino. Liberdade para avaliar ou mudanças na avaliação. In: Revista do Professor. Porto Alegre, n. 53, p. 50, jan./mar. 1998.
- HADJI, Charles. É preciso apostar na inteligência dos alunos. In: Revista Nova Escola. São Paulo, n. 198, p. 17-20, dez/2006.
- HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito e desafio – Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1991.
- _____. Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.
- _____. É difícil mudar, mas compensa. In: Revista Nova Escola. São Paulo, n. 159, p. 30-33, jan./fev. 2003.
- LOMONICO, Circe Ferreira. Coordenador Pedagógico: o técnico e psicopedagogo institucional. São Paulo: Edicon, 2000.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. Avaliação da aprendizagem na escola. Reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares, 2003.

_____. A avaliação da aprendizagem escolar. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. O objetivo da avaliação é intervir para melhorar. In: Revista Nova Escola. São Paulo, n 191, p. 18-20, abr./2006.

MARINHO, Antônio e FERNANDES, Lilian. O X da questão, In: Jornal O Globo. Jornal Família. Rio de Janeiro, p.1-2, 13 jun./ 2004.

RIBEIRO, Raquel. O aluno colou? É hora de discutir avaliação. E regras. In: Revista Nova Escola. São Paulo, n 173, p.47-49, jun./jul.2004.

SALEH AMADO, Luiz Antonio. A auto-avaliação no ensino superior como dispositivo analisador dos processos de subjetivação: da avaliação-consumo à avaliação-produção. Avaliação – Revistada Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior. Campinas, v. 8, n. 4, p. 183-205, dez/2003.

SACRISTÁN. José Gimeno. A avaliação faz parte de nossas vidas. São Paulo: Artmed editora LTDA.

SANTANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Janessen Felipe da. Avaliação na perspectiva formativa-reguldora: pressupostos teóricos e práticos. Porto Alegre: Mediação, 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
 Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
 Escola de Educação - EE
 Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Silviana da Silva Ribeiro / 2002.1.251.025

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

avaliação da aprendizagem: as práticas avaliativas

ORIENTADOR(A): Sandra Cristina

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Carmen Sanchez Samparo

Nota: 6,0 (seis)

Considerações:

O texto, com questões relativas ao modo de escrever, apresenta como tema "a avaliação e as práticas avaliativas." A discussão teórica, em muitos momentos ancora-se em concepções ainda ingênuas sobre ensino, aprendizagem e o processo avaliativo contribuindo para afimurar o que pretende desnaturalizar. A riqueza da pesquisa, do meu ponto de vista, é a opção pela pesquisa de campo. O modo como o texto está redigido exige uma cuidadosa revisão ortográfica e a reescrita de alguns parágrafos. Uma nova versão precisa ser apresentada para a avaliação.

DATA: 17/03/2008

Assinatura: Carmen Sanchez Samparo

A - revisão ortográfica foi realizada na nova versão entregue. Mas, as questões técnicas - base - tanto fráguas - estão presentes, motivo pelo qual a nota atribuída é sete (7,0).

17/03/2008

Silvane

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Cristina Ferreira de Sousa

Nota: 7,0

Considerações:

O processo de orientação desta monografia iniciou-se no começo do primeiro semestre de 2008, com um curto período para sua finalização. O diálogo estabelecido para orientação do trabalho foi dificultado pela resistência da aluna quanto aos encaminhamentos apresentados no intuito de qualificar a monografia. Há ressalvas quanto à formatação que foram realizadas para a aluna, mas que não promoveram por alteração. Há aspectos limitados no questionário entregue aos professores. O capítulo 3 poderia ter sido melhor desenvolvido. Data: Rio, 15 de julho de 2008

Assinatura: [assinatura]

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota: 7,0

Considerações:

O trabalho deixou de atender algumas exigências relacionadas ao nome de elaboração de textos científicos.

Data: 13.08.08

Assinatura: [assinatura]

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
7,0	7,0	7,0	7,0

Aluna
Silvane da Silva Pereira